



N.º 16 — LISBOA, 30 DE ABRIL

1.º ANO 1933

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA

Publica-se ás quartas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — RUA DO GREMIO LUSITANO, 66, 1.º
Assignaturas (pagamento adiantado)
Lisboa e provincias, anno 52 num. 13000 rs. || Brazil, anno 52 numeros..... 23500 rs.
Semestre, 26 numeros..... 6500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 13000 rs.
Cobrança pelo correio..... 3100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 13500 rs.
NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre aceitam-se em qualquer data;
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES
COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular
111, Rua do Norte, 113
IMPRESSÃO
Lythographia Artistica
Rua do Almada, 32 e 34

PARIS EM LISBOA

OS TRES COQUELINS

Do Progresso

Anuncia-se o estabelecimento de uma linha telephonica entre Lisboa e Porto—ó progresso!—mas vem a tabella e diz-nos —ó decepção! — cada 3 minutos, nove tostões.

E' então bem certo que o Progresso só serve os ricos, os afortunados, os abastados e só a estes proporciona felicidade, commodidade, bem estar, regalos!

Nove tostões!

Que communicações, que impressões, que idéas, que factos podem trocar-se em tres minutos, através de uma linha telephonica?

Supponhamos isto:

— S'tá lá?

—

— S'tá lá?

Ruido da campainha trabalhando; depois rugidos.

Um silencio.

— S'tá lá?

Crê-se ouvir uma voz indistincta.

— S'tá lá?

Emfim respondem:

— Quem fala?

Aqui, nome da pessoa que fala e, como se está distante, cumprimentos: viva! bons olhos o vejam! Risadas. Rapido elogio do Progresso.

Subita paralysis do telephone. Novo — S'tá lá?

Do outro lado inquirim:

— S'tá lá?

Estão ambos lá.

Basta de chalaças. *Les affaires sont les affaires.* O tempo passa e tres minutos são nove tostões.

— S'tá lá?

Silencio. Novos ruidos de campainha, novos rugidos.

— S'tá lá?

Em vão.

Passaram os tres minutos. Feitas as contas, quatro *S'tá lá?* nove tostões.

E' caro.

E' o preço de um telegramma regular com resposta paga, diz um jornal.

E' mais: é quasi o preço de uma viagem, com descarrillamento comprehendido.

Assim, — quem poderá beneficiar do Progresso?

Os ricos.

A descoberta do telephone foi, sem duvida, admiravel. Ella veio — diz-se — estreitar as relações entre os homens e tornal-as mais rapidas. O telephone supprimiu esse inimigo da civilisação — o tempo. Mas é isto verdadeiramente assim?

Assim é, com effeito — para os ricos.

Sendo de uma utilidade geral, o telephone só presta serviços a alguns particulares.

O telephone é luxuoso.

O telephone é caro.

Só pode tel-o em casa quem tiver ao mesmo tempo um cosinheiro, um trem e um piano de cauda.

As classes não favorecidas da fortuna não telephonam, ou só telephonam por favor, e, n'este tempo de velocidade a todo transe, communicam ainda — ai d'ellas! — pelo gallego.

O gallego é o telephone dos pobres.

Comtudo o telephone deveria ser, como a instrucção primaria, obrigatorio e gratuito.

Não o é e é o usufructo de uma casta — os possuidores.

Assim, o Progresso não veio afinal senão dividir mais os homens, a pretexto de os servir.

O que succede com os meios rapidos de comunicação verbal, succede com os meios rapidos de locomoção. — Pregam os humanitaristas a fraternidade dos povos, e os caminhos de ferro cada vez elevam mais as suas tarifas. Os povos não estão na realidade divididos por fronteiras, que existem no papel, mas por uma muralha de *wagons-lits* que não as deixam passar senão a troco de uma verdadeira contribuição de guerra.

Viajar é outro privilegio de casta.

Estamos no seculo das luzes. No entanto, as classes pobres ainda se alumiam a azeite. A luz electrica, o gaz são outros privilegios, e se o gaz começa a apparecer em certas mansardas é que, por outro lado, o seu poder illuminante começa a competir em mediocridade e melancolia com a velha candeia d'azeite, o qual, por seu turno, attinge os preços fabulosos do oleo de figado de bacalhau.

O Progresso descobriu o hygiene, mas a hygiene ella propria, é um privilegio das classes possuidoras e cus-

ta tão cara como o luxo. Depois das descobertas da anti-scepacia, as classes não possuidoras estão ainda no regimen da alfazema. Uma parte do vasto corpo social dos nossos dias lava-se; a outra parte defuma-se.

Como procura o Progresso estender a todo o genero humano os seus beneficios?

Pelas idéas — diz-se.

Ah! pelas idéas, o Progresso é realmente generoso. Elle não regateia os seus fructos. Elle dá-os — dados.

Pelos jornaes.

Pelas revistas.

Pelos livros.

Mas — quanto custam os jornaes, as revistas e os livros de idéas?

Em Portugal, adquirir uma idéa é adquirir uma joia do Leitão. Pago o seu custo, a differença do cambio, os direitos de entrada e o lucro do revendedor, ella sae tão cara como um annel de brilhantes.

Podê ter idéas quem? — O sr. Marquez de Franco, ou o sr. Carvalho Monteiro.

As outras classes, não.

Temos, porém, o theatro.

Com effeito, o theatro é hoje um activo vehiculo de idéas. Elle apodera-se de todas, elle discute todas, sem exclusão de qualquer. Discute a sociedade, a moral, o lar, a familia, o alcoolismo, a tuberculose, a escarlatina e um certo numero de doenças secretas. Ultimamente discutia as amas de leite. Nem sempre é theatro: é algumas vezes Associação dos Lojistas, é algumas vezes comicio, mas as coisas passam-se n'um palco entre bastidores e bambolinas, com um ponto, uma orchestra, uma bilheteira e algumas vezes o sr. visconde de S. Luiz de Braga e, n'estas condições, não vemos motivo para lhe recusar o nome de theatro.

E', emfim, o theatro de idéas.

Quanto custam as idéas no theatro?

Mil e vinte, e as coisas estão tão mal dispostas pelo bemfazejo Progresso que ahi onde podem estar as classes não possuidoras, isto é, nos logares de mil e vinte para baixo, as suas idéas não chegam.

Eis o Progresso.

JOÃO RIMANSO.

CASOS E COISAS

Afinal choveu e chove.

—Rumor de Lua—dizem os entendidos em meteorologia:—resultado das orações—dizem os crentes,—patriarcha excomungado á frente.

Na provincia, ahi para os lados da minha terra foi um delirio. Numa aldeola perto, andaram com um pobre S. Sebastião, por entre vallados e pinhaes—durante duas horas.



—S. Sebastião?

Como não teem outro santo, o S. Sebastião é para tudo. E' para mandar sol ou chuva, para curar sezões, para levantar a espinhela, para affastar quebranto, para chamar ao *ninho conjugal* os maridos extraviados, para os que soffrem de hemorrhooidal e para o mau olhar, etc.

Aquelle bom santo é para os povos da Lapa o mesmo que as pilulas Pink são para o resto da humanidade. Uma limpeza!

Se alguém o duvidasse, viesse ouvir o sermão do padre panegyrista, depois do passeio. Entre varios factos relatados, obras do santo que mais odio tem aos alfaites, teve elle, como fecho, esta bocolica phrase, que eu peço licença para dizer textualmente, lembrando ao leitor que o alteral-a lhe tirava o *sabor* campestre.

Disse o padre:



«Os milagres d'este santo, —meus amados irmãos,—são tantos, como as caganitas do monte!»

Não se pode ser mais altico nem mais pittoresco!

E, no seu andor de pau de pinho, no meio de quatro palmitos de flores desbotadas, de papel, anarrado a nodoso tronco o seu corpito gordo de creança, o bom do Santo, de palmo e meio de alto, parecia levantar para o tecto o rosto afogueado, fazendo um grande esforço para se não rir.



Quem não ri, são elles, os aldeões que á roda o olham com decidida ternura, aquella ternura egoista do homem do campo em que ha sempre um bocadinho de interesse misturado.

Elles bem sabem que procurador ali tem, para todos os azares da vida, procurador recomendado de longos annos, por pae e por avós.

No dia seguinte, quando o ceu de chumbo annunciou-a chuva, começaram os louvores:

- Que rico santo!
- Que milagroso!
- Que virtude que elle tem!

—Para o verão, merece uma festa.

E, logo, que as primeiras bategas de agua açoitaram a terra, havia lagrimas nos olhos e lagrimas na voz de toda a gente.

O vento porém desencabrestado seguia as trombas de agua, sacudindo, como um doído, as vides tenras das cepas e os galhos mimosos das arvores, onde as fructas vingavam n'uma penugem leve de ninhos.

Os rebentos novos estalavam; a terra bem que molhada, varrida pelo vento, enxugava de prompto.

Ao vêr maior o prejuizo de que o beneficio, exclamavam já:—que raio de santo: a gente pede-lhe agua, não lhe pede vento!



E o bom do Santo, no seu altar pobre, com uma setta de chumbo no intervalo da quarta costella, outra na côxa e outra perto do cotovello—que dôr, hein?—continua com a carira gorda feita a pão de milho, a olhar o tecto, truito firme, muito firme, para se não rir.



Ora, chego a Lisboa pela manhã do outro dia e ha pelas ruas um grande rebulição.

Isto ha de ser por força procissão, penso eu.

E era:—a da Saude.

Procuo um carro. Não ha. Não andam. Quando os santos passeiam os homens param. Tenho de parar

por força. Um ruido infernal de musicas começa ao ouvir-se ao longe. Policias. Um pelotão de artilharia, a cavallo. Um pendão. Musica. Virgens e anjos, adeante e atraz de um andor.

Andor de?...

Quem imaginam que vem n'esse andor?

Que santo?

S. Sebastião!

Outra vez? Anda na moda o catita, sendo a creatura mais avessa ás modas.

Cá pedem-lhe saude, lá pedem-lhe chuva.

Rodeiam-no, lá, os camponeos com os seus fatos pittorescos, os largos chapeos, os coletes curtos e as cintas vivas de côr.

Aqui—ó Ceus!—ladeiam-no soldados com capas! uma coisa esdruxula, macabra, que lembra aquellos contos inglezes para creanças em que se vestem os animaes e se lhes dão ares de pessoas.



Um soldado de capa, é uma coisa grotesca como seria um padre de capacete e pennacho encarnado e mochila por cima da sobrepelliz.



Lembra o carnaval; dá-nos a impressão d'uma mascarada, provoca o riso e... tanto que olhando para o santo pareceu-me que elle olhava o ceu—como fazia na Lapa—muito firme, muito firme para se não rir!

MAIO FLORIDO



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

PAN

O que é certo é que o nosso sympathico santo se consegue fazer o milagre—como fez o da chuva—em Lisboa, isto é, de acabar de uma vez com a tuberculose por exemplo, arranja uma tal popularidade que se ha de vêr quente para não ser solicitado para ministro da fazenda de qualquer partido, sendo o typo da dedicação na alma e da economia no corpo.

E' bom dizer que o bom santo, com relação á tuberculose, tem de apressar os seus serviços, porque se se demora, arrisca-se a não encontrar um bacillo na cidade.

Na rua do Alecrim já não ha logar para enterrar os bacillos mortos e os sanatorios começam a estar ás moscas porque tuberculosos...? *No hay!*

A guerra tem sido tão cruel e tão bem sustentada, que a raça dos bacillos ameaçam desaparecer, razão porque se aventou já a idéa de agarrar algum que appareça, por acaso, e mettê-lo em alcool, como memoria, aos vindouros.

E' caso para dizer ao santinho:—ô Sebastião, avia-te.

A maneira que a procissão chega a S. Domingos, o povo converge para esta praça.

A população *fluctuante* que se desloca a cada festa, a cada enterro rico, invade os passeios, peja a praça, assalta bancos e escadas, acotovela-se, empurra-se, barafusta.

A imagem da Senhora da Saude, erecta, envolta no seu manto cheio de arabescos de ouro, batida pela chuva—como a calva do senhor Infante—apressa-se para o portal da igreja, e ahi se acolhe.

Nota que não ha mais santos nem imagens representativas de forças therapeuticas.

Assim penso como é que sendo esta procissão feita para consolidar a harmonia da Saude com os nossos corpos, realisada como recurso profilatico de futuras epidemias, só entrem n'ella as figuras venerandas dos santos e sejam excluidas as figuras veneraveis dos medicos.

Parece-me bom emendar mos, para o futuro, a critica amarga da tradição e para o anno levar-mos tambem em seus andores, além de S. Sebastião de não sei d'onde, o dr. Manuel Bento de Souza — de Lisboa, e o dr. Souza Martins — da Alhandra.

Não vae haver o *Mez de Maria* á portugueza?
Sejamos coherentes.

N'isto pensava, quando, aclarando o ar a procissão de novo desfilou.

Marchavam os policias, depois o pelotão, depois a musica, depois o pendão, depois virgens e anjos e anjos e virgens, e no fim como um grande limpa pennas, rigida, erecta, sobre o seu andor coberto de flores, a delicada imagem da santa, seguindo o S. Sebastião, que olhava para além dos quintos andares, bem alto, firme, muito firme para se não rir.
E desappareceram.

M. M.

Historieta a proposito

O PATRÃO E O CASEIRO



PATRÃO

Que novidades me trazes
Da minha quinta Gonçalo?



CASEIRO

Não ha nada, meu patrão,
Apenas morreu o gallo.

PATRÃO

E de que morreu o gallo,
Um gallo de estimação?..



CASEIRO

Com saudades das gallinhas,
Muito da sua afeição.

PATRÃO

Morreram?! De que morreram
Gallinhas tão luzedias?...

CASEIRO

Depenicaram no burro.
Já morto de quinze dias.

PATRÃO

E de que morreu o burro,
Trabalhador sem perguica?

CASEIRO

De muito puxar á nora
Para regar a hortaliça.



PATRÃO

Mas a horta nada rendeu,
O' homem de mil diabos!..

CASEIRO

Os coelhos dos visinhos
Comeram couves e nabos.



PATRÃO

Ora essa!... *E não ha nada*
Me vens tu dizer agora!!!

CASEIRO

E a purissima verdade
Deito da boca p'ra fóra.

Não ha gallo nem gallinhas,
Não ha burro, nem ha horta;

— A sua fazenda... e a publica,
Não sei qual anda mais torta.



PATRÃO

P'ra ministro da fazenda
Não terás habilidade...
Mas vences muitos na prenda
De não faltar á verdade.

Almeida Garrett

Com uma despreocupação, que muita gente acha natural, pelas ultimas vontades dos que morrem em perfeito uso das suas faculdades, lá vão mandar, Almeida Garrett para um vão dos Jeronymos, acompanhar o João de Deus.

Se este ultimo não deixou dito, oficialmente, onde queria ser sepultado, Garrett, esse disse-o : — ao pé da filha.

A patria porém não quer ; quer que elle vá para os Jeronymos.

Vá lá um grande homem nascer n'uma patria tão frigidreira!

Sermão

Um padre na Covilhã, sentindo muito barulho na egreja, enquanto pregava, exclamou :

Falo eu ou ladraes vós?
Escusado será dizer que a canzoada embuchou.

Até os cães respeitam a palavra de Deus.



Orador

O sr. Hintze Ribeiro, convidado pelo sr. conde de Valenças para assistir à trasladação dos ossos de Almeida Garrett, accêita o convite e diz que se resolverá em conselho, qual o ministro que ha de falar á beira do tumulo.

E' indifferente ; o poeta está morto ; qualquer dos sete se poderá encarregar de dizer as asneiras que quizer.

O bom do Garrett não poderá abrir a caixa das pitadas, d'onde saiam as celebres excomunhões.

O melhor é falarem todos, para se não rirem uns dos outros.



Amor

Escandalo na Austria. A condessa Maria, apaixonou-se pelo rabequista João Robelik e divorcia-se do conde seu marido.

E inda ha quem diga que é inutil... tocar rabeca.

Na procissão do viatico da Encarnação, diz um reporter :

Uma menina vestida de virgem conduzia um sacco com emolas.

Vestida de virgem ? As virgens tem agora fato proprio ou fardamento ?

Que pechincha... por causa das duvidas.

OUTRA NA FERRADURA

Um jornal de Lisboa annuncia achar-se em Fozcoa, o «conhecido e estimado poeta Guerra Junqueiro.»

Mas D. Alberto Bramão é o illustre.

Oh ! os favores da publicidade !

Infanticidio.

Imprensa de Lisboa :

«E' necessario um castigo rigoroso para acabar com certa ordem de crimes, que só revelam maus instinctos e a degradação de uma sociedade que deve propender para outra perfectibilidade.»

Quer dizer — para uma perfectibilidade mais perfeita.

Oh ! a imprensa, alavanca do progresso ! oh ! a imprensa, instrumento de civilisação ! Oh ! a imprensa, advogada do direito, propulsora da justiça, motora de piedade e de amor !

Nós vos saudamos.

Interview com Valle.

Imprensa de Lisboa :

«— Nunca tentou o drama, a situação intensa e forte, a dôr, a tragedia funda e alanceadora ? inquirimos n'essa ancja de lhe encontrarmos um desalento.»

— Representei muitos dramas, pois não, respondeu o actor.

— Lembra se de alguns ? teria perguntado o jornalista interrogador.

— Lembro-me. O Drama no fundo do mar

— Que papel fez !

— O de saño, teria respondido o artista.

E accrescentára, saudoso :

— Mais tarde, n'uma reprise, fiz uma pescadinha de rabo na boca. Grande successo !

Politica.

O Dia.

«Agora, ha dias, o sr. governador civil (o de Vizeu) foi esmurrado publicamente : ainda ha pouco tempo levou uma roda de pontapés, tambem em publico.»

Etc.

Mas isto não é o goverador civil de Vizeu. Isto é o Instituto 19 de setembro.

Exposição de rosas.

Os jornaes annunciam :

«E' enorme o numero de adhesões recibidas para a grande exposição de rosas que a Associação da classe de jardineiros promove a favor do Albergue das creanças abandonadas.»

Entre outras adhesões :

Rosas & Brazão.

Rosa Damasceno.

Rosa Catatau.

D. João da Camara, com a Rosa Engeitada.

O sr. Bernardino Machado, grão mestre da maçonaria, com o principado da Rosa Cruz, e o sr. Brito Aranha, com esta phrase nova em folha : — «Está um tempo de rosas.»

No mercado do Campo Grande, informa a Quotediana, tem ultimamente apparecido algumas vaccas em tal estado de magreza, que demonsttra bem o perigo de se encontrarem tuberculosas.

Uma lastima !

O que havemos então de dar aos nossos queridos tuberculosos se os proprios bifes estão tísicos ?

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

Aviso ao publico

Segundo communicação recebida da Companhia dos Caminhos de Ferro de Madrid a Zaragoza e a Alicante, encontra-se aberto á exploração o trajecto de Daifontes a Albolote, na linha de Moreda a Granada (caminhos de ferro do Sul de Hespanha), podendo admitir-se passageiros e expedições de todas as classes para a nova estação de Albolote em eguaes condições que para as demais d'aquella secção.

Lisboa, 23 de Abril de 1903.

O director geral da Companhia Chapuy.

Ourivesaria e Relojoaria

com officina anexa de fabrico e concertos



Jóias

Com brillantíssimas Preços limitadíssimos

99, RUA AUREA, 99

MANAUS

E' nosso agente n'esta cidade o sr. Abilio de Freitas Azevedo—Rua Joaquim Sarmento, 15.

Callista

pedicuro



JERONYMO FERNANDES

Empregado da casa Ornellas

R. SERPA PINTO, 48, 1.º

(Frente para o Chiado)

EXTRACÇÃO de callos e Edesencramento de unhas pelos mais modernos processos até hoje conhecidos.

Pede-se ao publico que ve site este consultorio para se certificar dos verdadeiros milagres que ali se operam.

Das 9 ás 5 da tarde

RELOGIOS

Dos melhores fabricantes. Relojoaria BOTELHO. Rua do Ouro. (Junto á esquina do Rocio).

TABOLETAS

Em todos os generos, dourados, pintura e gravura em vidro, letras de zinco em relevo, etc.

FRANCISCO SANTOS

R. do Gremio Lusitano 41, 43,

SUBORNO

Ad petendam pluviam



A Egreja — Veja lá não me comprometta !
O Tempo — O' Senhor! Conte com agua !
A Egreja — Pegue lá para vinho...